

RESENHAS

REVIEWS

ALSTON, W P *A Realist Conception of Truth* Ithaca
Cornell UP, 1996 xii + 274p \$ 35,00

William P Alston apresenta a sua versão da concepção realista da verdade, denominada "Alethic Realism", a qual parte da intuição básica de que um enunciado é verdadeiro se e somente se o que o enunciado diz ser o caso realmente e o caso. Em termos mais formais, trata-se de manter que o seguinte esquema, interpretado substitucionalmente, captura o essencial do predicado verdade (28)

(*p*) A proposição de que *p* é verdadeira se e somente se *p*

Todavia, Alston fornece ainda uma leitura correspondencial minimalista(38)

(*p*) A proposição de que *p* é verdadeira se e somente se e um fato que *p*

Com isso ele quer dizer que uma e a mesma substituição seja feita para as duas ocorrências de '*p*'. A proposição e o fato que a torna verdadeira compartilham o mesmo conteúdo proposicional, o qual é expresso no esquema pela mesma proposição. O que ele quer ga-

rantir é que a proposição seja verdadeira quando seu 'conteúdo' e 'realizado' no modo como as coisas são, que em asserindo a proposição nos especificamos assim o que tornaria a proposição verdadeira [30] Disso segue-se que a conexão entre os dois lados do bicondicional é tal que a sua verdade é analítica Toda instanciação deste esquema produz um enunciado "*conceitualmente, analiticamente* verdadeiro, verdadeiro em virtude dos significados dos termos envolvidos , em particular do termo 'verdadeiro'" [27]

O livro, todavia, não é apenas uma apresentação do "realismo alético", mas sobretudo é uma crítica às concepções que pretendem questionar a posição realista, por um lado, aquelas baseadas em alegações de caráter epistêmico e, por outro, aquelas que partem do argumento da redundância Respectivamente, são examinadas as propostas coerentista de B Blanshard, verificacionista de M Dummett, e epistêmica de H Putnam, bem como as teorias deflacionistas de M Williams e C J F Williams Contra os deflacionistas Alston pretende dizer que a palavra verdadeiro expressa uma *propriedade* aplicável a proposições, enunciados e crenças E, ao mesmo tempo, o livro pretende mostrar que nenhum componente epistêmico está contido no significado do termo verdade "My central concern here is the articulation and defense of a realist conception of truth, in opposition to epistemic conceptions" [21] Além disso, Alston está interessado em desmontar aquelas argumentações que visam desvalorizar a própria ideia da verdade, como irrelevante e descartável, representadas sobretudo por R Rorty e S Stich [234,258] O livro é composto de oito capítulos, assim arranjados 1 *Alethic realism*, 2 *Alethic realism and metaphysical realism*, 3 *An episte-*

mological objection to Alethic realism, 4 Dummett's verificationist alternative to Alethic realism, 5 Putnam's model-theoretic argument, 6 Putnam on "Conceptual relativity", 7 Epistemic conceptions of truth, 8 Doing without truth

Alston defende que a utilização da palavra "verdadeiro", para qualificar proposições, enunciados ou crenças, funda-se na concepção realista. O principal da concepção realista consiste na tese de que o que faz com que um enunciado seja verdadeiro ou falso e a real ocorrência do que e alegado ocorrer pelo enunciado *o realismo aleítico implica que o que torna verdadeiro ou falso um enunciado e independente de nossos pensamentos e falas* [84]. Se o que e enunciado e que a grama e verde então e o *ser verde* da grama que e tanto necessario como suficiente para a verdade do enunciado. Nada mais e relevante para o seu valor de verdade. O que determina o valor de verdade de um enunciado e aquilo sobre o que e o enunciado, e não algo intrinseco ao proprio enunciado, como seu estatuto epistêmico, sua relação com outros enunciados, etc [7-8]. Trata-se de acentuar que o sentido da qualificação verdadeiro tem a ver com a realidade que esta para alem do enunciado e que e por este visada. Uma crença, ou um enunciado, adquire um valor de verdade determinado em função da sua relação com algo que tem uma constituição independente dessa crença ou enunciado. A partir dessa intuição básica Alston ira enfrentar os principais objetores.

As criticas as concepções deflacionistas estão fundadas no argumento de que (1) 'Cesar foi assassinado' e (2) 'A proposição que Cesar foi assassinado e verdadeira' não são sinônimas, apesar da sua equivalência logica, ja que uma e sobre uma proposição e a

outra e sobre Cesar. Ao invés de aceitar a tese da redundância, segundo a qual a expressão “é verdadeira” não é um predicado e não se refere a uma propriedade, Alston insiste que justamente o contrário é o caso “there is a *property of truth*” [80]. Não obstante isso, ele não se compromete com uma metafísica de propriedades, daí a conotação minimalista, arguindo que se trata do modo como as atribuições de valores de verdade devem ser compreendidas.

Considerando as teorizações de M. Dummett, enquanto críticas à concepção realista, Alston alega que o verificacionismo semântico não é incompatível com o realismo alético. Mais ainda, a própria noção de verificabilidade pressuporia uma noção independente de verdade, a qual bem poderia ser a realista. O ponto de Alston consiste em defender “que é claro que nos temos a capacidade de apreender o significado (condições de verdade se isto é o que está envolvido) de sentenças não observáveis sem sermos capazes de reconhecer condições de verificação para elas” [113]. Mesmo a manifestabilidade da compreensão não implica que nos sabemos sob que condições uma sentença é verificada ou falsificada. Com relação a noção de verdade, o verificacionismo semântico de modo algum implicaria uma reformulação da noção realista.

As principais objeções às teses realistas são regidas pela tese de que a noção de verdade é dependente de fatores epistêmicos ou cognitivos. “A verdade de um portador de verdade consiste não em sua relação com algum estado de coisas transcendente, mas na virtude epistêmica nele veiculada no interior de nosso pensamento, experiência, discurso. O valor de verdade seria definido em termos de uma crença ser justificada, garantida, racional, bem fundada, etc.” [189–90]. Os

argumentos contra a versão epistêmica, articulados por Alston, seguem as seguintes linhas para uma crença ou enunciado, “ser justificada” e “ser verdadeira” não são predicados coincidentes, sobretudo porque a verdade não é relativa a sujeitos e contextos, enquanto que a justificação o é, muitas proposições verdadeiras não são objetos de crença de ninguém, alguém pode estar racionalmente justificado em crer numa proposição p e, mesmo assim, p ser falsa. Mesmo quando a posição é reformulada em termos de “justificabilidade em uma situação na qual todas as evidências relevantes (razões, considerações) estariam disponíveis” [194], isto é, em termos de “justificabilidade ideal”, não se resolvem os problemas, sobretudo porque “justificabilidade em uma situação epistêmica ideal” não pode ser definida sem o recurso a noção realista de verdade. Desse modo, as seguintes dificuldades parecem fatais para a concepção epistêmica: 1) há proposições que são verdadeiras mas não são idealmente justificadas, ou idealmente justificadas mas não verdadeiras, embora Alston não tenha exemplos delas [203], 2) o conceito de uma situação epistêmica ideal pressupõe o conceito de verdade [204], 3) o significado do termo “verdadeiro” não contém nenhuma nota sobre justificabilidade, ideal ou não, garantia ou razão [208].

Estas considerações sugerem que a concepção epistêmica é incompatível com o esquema-T ((p) A proposição de que p é verdadeira sse p), sobretudo porque “há casos do esquema que não contêm nada acerca das condições epistêmicas” [215]. Ora, o realista argumenta, em geral não se afirma nos enunciados nada de epistêmico. Mas seria isso um indicio de ausência de conteúdo epistêmico? Não seria o caso de

abstração do conteúdo epistêmico? Mesmo assim Alston conclui que “uma concepção baseada na justificabilidade ideal da verdade não nos fornece nenhuma vantagem sobre a concepção realista na determinação do valor de verdade” [227] O ponto subjacente e que a justificabilidade pode ser um meio para se alcançar a determinação do valor de verdade, porem, a própria noção de verdade nada tem a ver com justificabilidade Justificação epistêmica apenas conduz a verdade, mas a noção de justificação pressupõe a noção de verdade [245]

A proposta de Alston pretende mostrar que ha algo mais a dizer sobre a verdade do que contam os deflacionistas e os defensores da tese da irrelevância No entanto, e sobretudo, pretende tambem nos dizer que o significado de termo verdade não contem nenhum ingrediente epistêmico Porem, um Dummett ou um Putnam poderão sempre redarguir que as suas teorizações de modo algum foram prejudicadas, pois, elas apenas mostram que o modo como *nos* determinamos o valor de verdade de um enunciado e que e verificacional ou epistêmico E que o uso do termo verdadeiro para qualificar um enunciado adquire sentido a partir dessa pratica O fato de que “verdadeiro” e “verificado” ou “justificado” não coincidirem nem em extensão nem em intensão de modo algum prova a sua independência Um enunciado e verdadeiro ou falso em função da estruturação do significado de suas partes e do modo como o mundo e, porem, isso não implica que o uso dos termos verdadeiro e falso seja independente de fatores epistêmicos Considere-se a seguinte asserção “P e falso, mas isso e impossivel de verificar ou justificar ou conhecer” O uso das expressões ‘falso’ e ‘verdadeiro’, para qualificar um enuncia-

do, independentemente de nosso conhecimento, e inteiramente descabido. Semelhante uso tem por consequência justamente aquilo que Alston quer a todo custo evitar, a saber, que o uso do termo verdade seja superfluo. Formalmente, todavia, a verdade ou falsidade de um enunciado, proposição ou crença, e inteiramente independente de elementos epistêmicos, tendo a ver unicamente com o modo como é o mundo. Contudo, tal fato é apenas consequência da noção de abordagem formal, que exclui todo conteúdo e todo contexto. Talvez, seja isto que Alston queira nos dizer, ao afirmar que “verdade é um conceito possemântico” [260]. As questões sobre a verdade apenas emergiriam após já se ter conteúdos semânticos garantidos. O que mostra o quanto e mínimo o alcançado ao fixarmos o esquema-T, pois nele se pressupõem como efetivadas as relações entre sujeito e linguagem e mundo.

CELSO R. BRAIDA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
braida@cfh.ufsc.br